

## Humano, demasiadamente orgânico?

Danilo Albergaria

Num artigo publicado em 1983, o biólogo e divulgador da ciência Richard Dawkins utilizou a expressão “darwinismo universal” para afirmar que os elementos centrais da teoria da evolução das espécies, de Charles Darwin, poderiam ser aplicados tanto a qualquer outro sistema biológico existente em algum outro canto do universo, quanto às culturas e sociedades humanas. Isso não é exatamente uma novidade. Uma ambição universalista do darwinismo como explicação do que ocorre inclusive nas relações sociais humanas pode ser encontrada nas próprias ideias de Darwin. Na obra que mudou a face da ciência e estabeleceu um paradigma sólido para as vindouras ciências biológicas, *A origem das espécies*, de 1959, e especialmente em *A descendência do homem*, publicada doze anos mais tarde, o próprio Darwin especula se alguns dos princípios básicos de sua teoria não poderiam servir para explicar até mesmo coisas demasiadamente humanas, como a linguagem e a moral. Logo, não é de se espantar que, em resposta à crescente aceitação do darwinismo no final do século XIX, nascentes ciências sociais e humanas como a sociologia e a antropologia tenham, em parte e com muitas reservas, buscado nas ideias de Darwin uma fonte de perguntas, respostas e um modelo científico no qual se basear.

Tome-se o caso da sociologia. Embora sua institucionalização como disciplina acadêmica tenha ocorrido apenas na última década do século XIX, seus desenvolvimentos iniciais são anteriores a 1850. Auguste Comte, cuja obra foi produzida em sua maior parte na primeira metade do XIX, é um dos primeiros pensadores a circunscrever a análise das sociedades humanas como ciência, introduzindo o termo *sociologia* em 1838. A influente filosofia positivista de Comte lidava com a ideia de evolução social, que preconizava uma escala de desenvolvimento humano cujo ápice era o “estágio positivo”, ou “científico”. Na segunda metade do século XIX, a sociologia abandonou a premissa da evolução social de Comte, mas seguiu a trilha da legitimação pelo viés cientificista, visando diferenciar-se de outros saberes pelo empirismo e o rigor do método científico. Era uma preocupação compreensível: no século em que as ciências se institucionalizaram, em que disciplinas científicas inteiras surgiram e se diferenciaram, e em que a própria profissão de *cientista* foi claramente definida, a legitimação para um campo relativamente novo como a sociologia deveria vir com a obtenção da chancela de “ciência”. A antropologia, também, não foi exceção, e o mesmo pode ser dito sobre a história, com a pretensão pioneira da escola metódica alemã – encabeçada por Leopold von Ranke – em alcançar um saber histórico objetivo, “científico”.

Essa era uma preocupação fundamental na ciência ocidental quando, em 1859, Darwin e – não esqueçamos – Alfred Russel Wallace elaboraram independentemente uma explicação ao mesmo tempo simples, sofisticada e convincente para o problema da evolução dos seres vivos. A teoria da evolução por meio de seleção natural imediatamente suscitou debates e pouco a pouco ganhou proeminência como um modelo explicativo do mundo natural, incluindo o homem como parte integrante do mesmíssimo processo. Engana-se, no entanto, quem pensa que a sociologia da época absorveu ou dialogou com o darwinismo de maneira aberta. Como afirma Carlos Alberto Dória, sociólogo e pesquisador do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), há nesse período uma “auto-ilusão das ciências sociais de poder trabalhar de costas para a realidade orgânica dos seres vivos, inclusive o homem”. Para Dória, “as ciências sociais se constituíram em grande divórcio com o darwinismo. Mesmo Marx e Engels, que estavam atentos ao desenvolvimento das ciências naturais, tiveram dificuldades em lidar com o legado intelectual de Darwin”. No mesmo sentido, André Strauss, pesquisador do Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos, da Universidade de São Paulo (USP), argumenta que “a construção da identidade do chamado 'modelo padrão das ciências sociais' que descarta completamente o papel da biologia na compreensão da mente humana se dá através do discurso em sala de aula no qual os professores usam uma visão estereotipada e debochada do darwinismo para ‘explicar’ aos alunos aquilo que eles não devem fazer ou pensar”.

No entanto, se a sociologia, de maneira geral, deu as costas para o darwinismo, uma fração importante do

pensamento social do século XIX respondeu a suas influências – muitas vezes, de maneira equivocada. Hoje, as apropriações do darwinismo e do evolucionismo nas análises sociais do século XIX são vistas como tentativas de legitimar, como saber científico, um conjunto de defesas bastante questionáveis de uma ideologia que procurava justificar o sistema capitalista, o modelo liberal e as injustiças sociais. É o caso do pensamento desenvolvido e inspirado por Herbert Spencer, cuja concepção evolucionista das sociedades humanas influenciou uma miríade de estudiosos, de filósofos a economistas. A frase “sobrevivência do mais apto”, por exemplo, que passou ao senso comum como uma noção fundamental do darwinismo, veio não de Darwin, mas de Spencer.

Embora o pensamento social de Spencer seja inspirado mais na teoria evolucionista de Lamarck (para quem a evolução se dá pela transmissão das características adquiridas por uso e desuso – ideia descartada por Darwin), seu conjunto de ideias sobre a sociedade e o de quem lhe deu continuidade ficaram conhecidas como “darwinismo social”. Se os defensores do dito darwinismo social não chegaram a transpor de maneira precisa o modelo darwiniano para a explicação da sociedade, parte de suas noções foi generalizada para o pensamento social. No darwinismo social, a seleção natural darwiniana justificava a seleção social, a “luta pela existência” na natureza passou a justificar a competição desigual no sistema capitalista. O enriquecimento – destino dos “mais aptos” –, a pobreza e a exclusão social seriam resultados de um processo inexorável e benigno: a evolução da sociedade, purgada dos mais fracos, em sua marcha para melhor. Nunca o capitalismo selvagem teve justificativas tão “científicas” quanto com o darwinismo social no fim do século XIX.

Se o pensamento sociológico, à exceção do darwinismo social, se desenvolveu inicialmente apartado do darwinismo, a antropologia lhe foi mais receptiva. Até as primeiras décadas do século XX era muito comum entre os antropólogos a ideia de que as sociedades humanas evoluem em direção a uma complexidade cada vez maior, e os estágios dessa evolução seriam aqueles que os europeus ocidentais experimentaram. Essa concepção não é apenas fruto de apropriação do evolucionismo darwiniano por parte da antropologia. A eurocêntrica hierarquização dos povos, noções como primitivo e evoluído, civilizado e incivilizado: essas marcas da nascente antropologia estão fundamentalmente enraizadas na ideia de progresso cumulativo, linear e irreversível que remonta à filosofia ilustrada do século XVIII, mas que permeia todo o século XIX. Enquanto a imbricação dessa ideia de progresso iluminista com o darwinismo pareceu justificar o eurocentrismo cientificamente, a antropologia deu-lhe uma voz.

A evolução linear eurocêntrica, no entanto, foi sendo aos poucos abandonada, tanto na Inglaterra quanto nos Estados Unidos, dando lugar a abordagens antropológicas que reservavam cada vez menos espaço para hipóteses que vinculassem a cultura ao aspecto biológico, orgânico, dos seres humanos. Somente a partir de 1950 a noção de evolução (dessa vez não eurocêntrica e que não necessariamente levaria as sociedades a percorrerem o mesmo itinerário evolutivo) voltou a ser debatida na antropologia, reacendendo a polêmica. A questão é tão complicada e os embates em torno dela tão ferrenhos que, como afirma o antropólogo e biólogo da USP Walter Neves, no início dos anos 1990 “os departamentos de antropologia da maioria das universidades norte-americanas cindiram”, dando origem a departamentos distintos: a abordagem sociocultural ficou de um lado e a antropologia com base biológica e física, de outro.

As internas críticas à apropriação de conceitos darwinistas pelas ciências sociais e humanas transformaram-se em rejeição ampla e violenta quando a sociobiologia veio à tona, nos anos 1970. O darwinismo de então já não era mais o mesmo. À teoria de Darwin foram incorporados os desenvolvimentos da genética mendeliana (nos anos 1930 e 1940), do que resultou o chamado neodarwinismo. Em 1953, Watson e Crick conceberam a estrutura helicoidal do DNA. Quando a sociobiologia surge, portanto, as ciências biológicas tinham já um paradigma com núcleo darwiniano solidamente estabelecido e coerente, fortalecido com os últimos avanços científicos. Propondo uma nova interpretação das interações sociais animais, estendendo-as ao comportamento social humano, os sociobiólogos estavam colocando em prática a concepção de um darwinismo universal, fonte de explicações também para fenômenos sociais e culturais dos seres humanos. A reação contrária à sociobiologia, e sua explicação de cultura e organização social com base em seleção natural e constituição biológica do ser humano, foi praticamente unânime entre cientistas sociais. Para sociólogos, antropólogos culturalistas e historiadores, a sociobiologia cruzou uma linha clara que separa sociedade e natureza, cultura e biologia. Na sua ânsia em submeter fenômenos culturais e sociais à biologia, a sociobiologia deixou, para a maior parte do meio acadêmico, a impressão de volta ao darwinismo social e à eugenia. Não é surpresa, portanto, que tenha sido defenestrada sem cerimônias das ciências humanas.

Entretanto, o desafio lançado pela sociobiologia – sua intromissão no reino da cultura – mesmo que infrutífero, pode ajudar a levantar questões fundamentais que permeiam a difícil relação entre o darwinismo

e estudos socioculturais: é realmente necessário haver delimitações claras – barreiras de segurança – entre as ciências humanas e as ciências naturais? Se não, como as ciências humanas podem se beneficiar do estabelecimento de um diálogo com, digamos, a biologia?

Carlos Alberto Dória defende, por exemplo, que o diálogo entre biologia, darwinismo e as ciências sociais “não só é possível como fundamental”, pois “nessa agenda as ciências sociais estão jogando o próprio futuro, e se não conseguirem responder a esses desafios perderão qualquer eficácia explicativa para fenômenos onde a cultura, o conhecimento, precisam ser vistos a partir do seu enraizamento biológico”. Esse tipo de abertura por parte de um cientista social a uma questão tão espinhosa não deixa de ser surpreendente em meio à ainda dominante biofobia das ciências humanas. A mera pergunta “qual é a relação entre biologia e cultura?” ainda é capaz de causar erupções alérgicas nos mais moderados historiadores e antropólogos culturalistas, em parte por causa de uma vaga tendência contemporânea em se descartar a pergunta quando há uma resposta terrível para ela (neste caso, o racismo). Como observa João Azevedo Fernandes, historiador da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), os frequentes descartes de aspectos biológicos para a compreensão de fenômenos socioculturais estão “firmemente ancorados em uma estrita dicotomia mente-corpo que, embora consciente da continuidade evolucionária que liga os homens aos outros animais em seus aspectos físicos, nega por completo essa continuidade quando se trata dos aspectos mentais”.

O historiador Luis Antonio Coelho Ferla, por sua vez, vê a questão por um outro prisma: “o centro de gravidade do desacordo entre as ciências humanas e as biológicas não está numa pretensa imaturidade das ciências humanas”, afirma. Para o professor da Universidade federal de São Paulo (Unifesp), mais decisivas do que isso são “as recorrentes ‘contaminações’ das chamadas ciências biológicas por discursos, necessidades e estratégias diretamente políticas e ideológicas”, o que pode ser exemplificado “pelo uso indiscriminado de testes de inteligência e de habilidades cognitivas na seleção de seres humanos, seja para a educação, para o trabalho ou para a imigração”. Como se vê, a questão resvala em discussões políticas, inevitavelmente. Assim, o que torna suspeitas algumas incursões da biologia em questões socioculturais – caso da sociobiologia – não é apenas a inadequação metodológica ou epistemológica mas, também e fundamentalmente, os interesses e discursos políticos que elas podem conter ao mesmo tempo em que os vestem da cabeça aos pés com a roupagem legitimadora do conhecimento científico.

Seja como for, assistimos recentemente ao aparecimento de novas tentativas de estabelecer pontes entre biologia e sociedade, cultura e comportamento humano. A psicologia evolutiva, surgida na década de 1990, empurrou as discussões sobre os aspectos mentais humanos de volta para os problemas da via biológica/darwinista – muito embora essa mesma psicologia possa ser acusada de popularizar um exacerbamento de interpretações biológicas sobre a vida social. No Brasil, instituições como Manguinhos, da Fundação Oswaldo Cruz, e grupos em outros centros de pesquisa como a Unicamp e a Universidade Federal de Santa Catarina já começam a se dedicar a analisar com cuidado o relacionamento complicado, as pontes e as incompatibilidades entre biologia, darwinismo e ciências humanas.

Aparentemente, o debate está longe de terminar e o diálogo parece tomar novo fôlego. Quem gosta de ciência, especialmente de sua faceta mais aberta a enfrentar indagações incômodas, agradece.

#### **Leia mais:**

[Biologia, ciências sociais e teoria dos jogos](#), de João Azevedo Fernandes.

[Darwin's dangerous idea](#), de Daniel C. Dennett.

[Do holocausto nazista à eugenia no século XXI](#), de Andréa Guerra.

[Evolução darwiniana & ciências sociais](#), de José Eli da Veiga.

[Evolução darwiniana e ciências sociais](#), de Walter Neves.

[Generalizing darwinism to social evolution: some early attempts](#), de Geoffrey Hodgson.

[Notas para uma aproximação entre o neodarwinismo e as ciências sociais](#), de Ricardo Waizbord.

[Sob o signo de Darwin? Sobre o mau uso de uma quimera](#), de André Strauss e Ricardo Waizbord.

[Um outro Darwin](#), de Carlos Alberto Dória.

